

COMO ISRAEL SE TORNOU UMA POTÊNCIA NUCLEAR

Por Sumit Ahlawat*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Seguindo a Doutrina Begin, Israel ataca programas nucleares adversários, como o iraniano; Contudo, Israel é uma potência nuclear secreta com tecnologia obtida clandestinamente via espionagem e roubo de projetos e urânio desde 1948.

Após o Iraque em 1981 e a Síria em 2007, Israel atacou o Irã para dismantelar seu programa nuclear. Nos últimos 44 anos, Israel tem cumprido a promessa feita sob a Doutrina Begin de lançar ataques militares preventivos para garantir que nenhum Estado hostil no Oriente Médio desenvolva armas nucleares.

Nomeada em homenagem ao primeiro-ministro Menachem Begin, essa doutrina foi estabelecida após o ataque aéreo israelense de 1981 ao reator nuclear iraquiano de Osirak (Operação Opera). A doutrina foi reafirmada em 2007 com a Operação Orchard, que destruiu um reator nuclear sírio.

Sob a mesma doutrina, Israel lançou ataques cibernéticos como o Stuxnet contra o programa nuclear iraniano em 2010 e agora lançou ataques aéreos direcionados a instalações nucleares iranianas.

As últimas quatro décadas e meia demonstram o compromisso de Israel em impedir que qualquer Estado do Oriente Médio se torne uma potência nuclear. No

entanto, há um Estado no Oriente Médio que tem sido uma potência nuclear secreta nas últimas cinco décadas: o próprio Israel.

De acordo com o Anuário SIPRI 2025, Israel possui um estoque de 90 bombas nucleares.

FORÇAS NUCLEARES NO MUNDO, JANEIRO DE 2025					
	Arsenal Militar ^a			Ogivas Aposentadas ^d	Inventário Total ^e
	Ogivas Implantadas ^b	Ogivas Estocadas ^c	Total		
EUA	1 770	1 930	3 700	1 477	5 177
Rússia	1 718	2 591	4 309	1 150	5 459
Reino Unido	120	105	225	-	225
França	280	10	290	..	290
China	24	576	600	-	600
Índia	-	180	180	..	180
Paquistão	-	170	170	..	170
Coreia do Norte	-	50	50	..	50
Israel	-	90	90	..	90
Total	3 912	5 702	9 614	2 627	12 241
.. = não aplicável ou não disponível; - = valor nulo ou insignificante.					
Observações: Todos os valores são aproximados e são estimativas baseadas em informações públicas ou avaliações dos autores. O SIPRI revisa seus dados sobre as forças nucleares mundiais anualmente com base em novas informações e atualizações de avaliações anteriores. Os países são ordenados pela data do primeiro teste nuclear conhecido; no entanto, não há evidências conclusivas de código aberto de que Israel tenha testado suas armas nucleares.					
^a "Arsenal Militar" refere-se a todas as ogivas implantadas, bem como ogivas em armazenamento central que poderiam ser implantadas após alguma preparação.					
^b "Ogivas Implantadas" são ogivas colocadas em mísseis ou localizadas em bases com forças operacionais.					
^c "Ogivas Armazenadas" são ogivas em armazenamento central que exigiriam alguma preparação (por exemplo, a instalação de certos componentes, transporte e carregamento em lançadores) antes de poderem ser implantadas.					
^d "Ogivas Aposentadas" foram retiradas do estoque militar, mas ainda não foram desmanteladas.					
^e "Inventário Total" inclui ogivas estocadas, bem como ogivas aposentadas aguardando desmantelamento.					

TABELA 1: Forças Nucleares no Mundo, Janeiro de 2025 (Extraído do Anuário SIPRI 2025).

Como Israel construiu esse enorme estoque de ogivas nucleares sem ser notado é uma história digna de um filme de Hollywood.

E, se um filme assim for feito, não há melhor produtor do que Arnon Milchan, um bem-sucedido produtor de Hollywood por trás de sucessos como *Uma Linda Mulher*, *Los Angeles: Cidade Proibida*, *Sr. e Sra. Smith*, *Clube da Luta*, *O Regresso* e *Doze Anos de Escravidão*.

Por quê? Porque o próprio Milchan trabalhou como informante de Israel e do Mossad em Hollywood, usando suas conexões em Los Angeles para obter tecnologia nuclear e urânio para o programa nuclear israelense. A história da construção de armas nucleares por Israel é uma história de determinação, audácia, trapaça e engano, tudo isso aliado à vontade de uma nação de sobreviver contra todas as probabilidades.

COMO ISRAEL OBTEVE SUAS ARMAS NUCLEARES

As aspirações nucleares de Israel começaram assim que o país foi fundado, em 1948. David Ben-Gurion, o primeiro primeiro-ministro de Israel, acreditava que a capacidade nuclear era essencial para a sobrevivência.

Em seu novo livro, *The Worst-Kept Secret: Israel's Bargain With the Bomb* (“O Segredo mais Mal Guardado: A Barganha de Israel com a Bomba”), Avner Cohen, proeminente historiador do programa nuclear israelense, escreve que Ben-Gurion era quase obcecado em desenvolver armas nucleares como a única garantia contra mais massacres.

“O que Einstein, Oppenheimer e Teller, os três judeus, fizeram para os Estados Unidos, também poderia ser feito por cientistas em Israel, para seu próprio povo”, declarou Ben-Gurion.

No final da década de 1940, cientistas israelenses, muitos formados na Europa e nos EUA, começaram a pesquisar tecnologia nuclear. A Comissão Israelense de Energia Atômica (IAEC) foi criada em 1952 para supervisionar esses esforços. Inicialmente, Israel carecia de infraestrutura, tecnologia e materiais para um programa nuclear, o que levou a uma estratégia de colaboração internacional e aquisição secreta.

Em 1957, Israel fechou um acordo crucial com a França, que concordou em fornecer um reator de pesquisa de 24 megawatts e conhecimento técnico para a instalação de Dimona, no Deserto de Negev. O acordo, detalhado no livro *The Samson Option* (“A Opção Sansão”), de Seymour Hersh (1991), foi mantido em segredo, até mesmo dos Estados Unidos, o aliado fiel de Israel.

Por que a França, que adotou uma das linhas mais duras em relação à proliferação nuclear em relação ao Irã, ajudou Israel não é difícil de entender.

Cohen escreve em seu livro que a França sentia um profundo senso de responsabilidade para com Israel por sua ajuda durante a crise do Canal de Suez em 1956. Além disso, Israel era a principal fonte de inteligência da França para proteger suas colônias no Norte da África.

A França também forneceu projetos para o reprocessamento de plutônio, essencial para a transformação de material nuclear em arma. Essa parceria lançou as bases para o programa israelense, mas exigiu recursos adicionais, especificamente urânio e conhecimento técnico.

Israel os adquiriria por meios menos convencionais.

PROJETOS ROUBADOS E ESPIONAGEM (ANOS 1950-1960)

No entanto, quando Charles de Gaulle se tornou presidente da França no final de 1958, ele buscou encerrar a cooperação nuclear franco-israelense. Ele afirmou que não forneceria urânio a Israel a menos que a usina fosse aberta a inspetores internacionais.

Para avançar o programa, Israel recorreu à espionagem. Utilizou uma rede de cientistas judeus na Europa e nos Estados Unidos para obter acesso à tecnologia nuclear sigilosa.

A Opção Sansão, de Hersh, sugere que agentes israelenses podem ter acessado dados sigilosos de instalações nucleares americanas por meio de cientistas judeus-americanos simpatizantes da causa israelense. Esses esforços complementaram os projetos franceses, permitindo que Israel aprimorasse sua tecnologia de armas.

URÂNIO ROUBADO E COMPANHIAS DE FACHADA (ANOS 1960)

Israel, no entanto, ainda sofria de uma desvantagem crítica. O urânio, a força vital das armas nucleares, era escasso em Israel.

Para protegê-lo, Israel recorreu a operações secretas. O caso mais infame ocorreu em meados da década de 1960, quando aproximadamente 90 a 270 quilos de urânio altamente enriquecido desapareceram da Corporação de Materiais e Equipamentos Nucleares (NUMEC) em Apollo, Pensilvânia.

Em 19 de julho de 1969, o Conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Henry Kissinger, escreveu o seguinte sobre o programa de armas nucleares de Israel: *“Há evidências circunstanciais de que algum material fissionável disponível para o desenvolvimento de armas de Israel foi obtido ilegalmente dos Estados Unidos por volta de 1965.”*

Documentos desclassificados do FBI e da CIA, referenciados em um relatório de 2014 do Boletim dos Cientistas Atômicos, sugerem fortemente que o urânio foi desviado para Israel, possivelmente com a cumplicidade do proprietário da NUMEC, Zalman Shapiro, um declarado simpatizante sionista. A operação continua sendo uma das violações mais significativas da segurança nuclear dos Estados Unidos.

Israel também estabeleceu empresas de fachada para adquirir materiais sensíveis. De acordo com o artigo de Victor Gilinsky de 2004 na *The Nonproliferation Review*, empresas como a Materials and Equipment Export Corporation, sediada em Israel, canalizavam urânio e outras tecnologias de dupla utilização da Europa e dos EUA para Dimona. Essas empresas operavam sob o disfarce de indústrias civis, driblando os controles de exportação e o escrutínio internacional.

UM CARGUEIRO INTEIRO CHEIO DE URÂNIO DESAPARECE

Para garantir urânio para Israel, em 1968, o Mossad organizou o desaparecimento de um cargueiro inteiro carregado de minério de urânio no meio do Mediterrâneo. No que ficou conhecido como o Caso Plumbat, o Mossad utilizou uma rede de empresas de fachada para comprar uma remessa de óxido de urânio, comumente conhecido como *yellowcake*, em Antuérpia.

O *yellowcake* foi escondido em tambores rotulados como “plumbat”, um derivado de chumbo, e carregado em um cargueiro arrendado por uma falsa empresa liberiana. A venda foi camuflada como uma transação entre empresas alemãs e italianas.

Quando o navio atracou em Roterdã, toda a tripulação foi dispensada sob o pretexto de que o navio havia sido vendido, e uma tripulação israelense assumiu o lugar. O navio navegou para o Mediterrâneo, onde, sob escolta israelense, a carga foi transferida para outra embarcação.

Israel também conseguiu comprar *yellowcake* da Argentina e do regime do *apartheid* na África do Sul.

Israel também precisava de óxido de deutério, também conhecido como água pesada, para seus reatores nucleares. Israel recorreu ao Reino Unido e à Noruega para isso. A Noruega vendeu 20 toneladas de água pesada ao Reino Unido, mas parte dela era excedente.

Israel conseguiu comprá-la do Reino Unido, apesar das suspeitas de que o material seria usado para fabricar armas.

UM SEGREDO DENTRO DE UM SEGREDO

Em 1964, o reator de Dimona estava operacional, produzindo plutônio para uso em armas. No entanto, a essa altura, os EUA também tinham conhecimento da instalação de Dimona e insistiam em inspeções.

O prédio abrigava uma instalação subterrânea altamente secreta para separação de plutônio. Parece que, mesmo dentro dos círculos do governo israelense, pouquíssimas pessoas sabiam de sua existência.

Na década de 1960, equipes americanas visitaram este local pelo menos três vezes. No entanto, todos os relatórios das visitas americanas nesse período alegavam não ter encontrado nenhuma evidência direta ou indireta de atividades relacionadas a armas. É incrível como os israelenses enganaram os americanos, mesmo quando inspecionavam o local em intervalos regulares.

Em 1967, estima-se que Israel já tivesse sua primeira arma nuclear pronta.

Na década de 1970, as atividades clandestinas do Mossad nos Estados Unidos continuaram. Milchan foi recrutado em 1965 pelo então presidente de Israel, Shimon Peres. Milchan foi responsável por garantir a vital tecnologia de enriquecimento de urânio, fotografando projetos de centrífugas que um executivo alemão havia sido subornado para “perder” temporariamente em sua cozinha.

Esses mesmos projetos de centrífugas foram roubados mais uma vez por Abdul Qadir Khan, o pai da bomba nuclear do Paquistão. Mais tarde, ele contrabandeou esses projetos para a Líbia, Coreia do Norte e Irã.

Ironicamente, os programas nucleares de Israel e do Irã foram construídos com base nos mesmos projetos de centrífugas roubados. Foi essa convergência nos projetos de centrífugas que permitiu a Israel testar um *worm* de computador, codinome Stuxnet, para lançar um ataque cibernético ao programa nuclear iraniano em 2010.

No entanto, esse ataque cibernético apenas atrasou o relógio em alguns anos, forçando Israel a lançar ataques aéreos contra as instalações nucleares iranianas em junho de 2025.

Publicado no [The Eurasian Times](#).

****Sumit Ahlawat** possui mestrado em Mídia Internacional e História Moderna pela Universidade de Sheffield, Reino Unido. Em mais de uma década de experiência em mídia jornalística, trabalhou para a Press Trust of India, Times Now, Zee News, Economic Times e Microsoft News.*
